

## CRISE E REVOLUÇÃO DA GEOGRAFIA CULTURAL

### **META**

Compreender os motivos da crise na geografia cultural, assim como se deu sua revolução.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

conhecer os principais geógrafos da chamada “nova geografia cultural”, assim como suas principais publicações.

Compreender os motivos da evolução das abordagens culturais na geografia.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Aula 2.

### INTRODUÇÃO

Nesta aula iremos ver que os primeiros geógrafos culturais (alemães, franceses e americanos) foram vítimas de críticas em relação à natureza atórica de suas obras. Essas críticas foram tanto externas quanto internas na Escola de Berkeley.

De fato, os críticos argumentaram que o agenciamento humano, no sentido de pessoas ou grupos fazendo escolhas, interagindo, negociando e impondo restrições uns aos outros, foi ignorado pelos primeiros geógrafos culturais da Escola de Berkeley.

As novas abordagens vão mostrar que a cultura é uma entidade sujeita à sua própria lógica e que ela é herdada e se difunde no espaço.

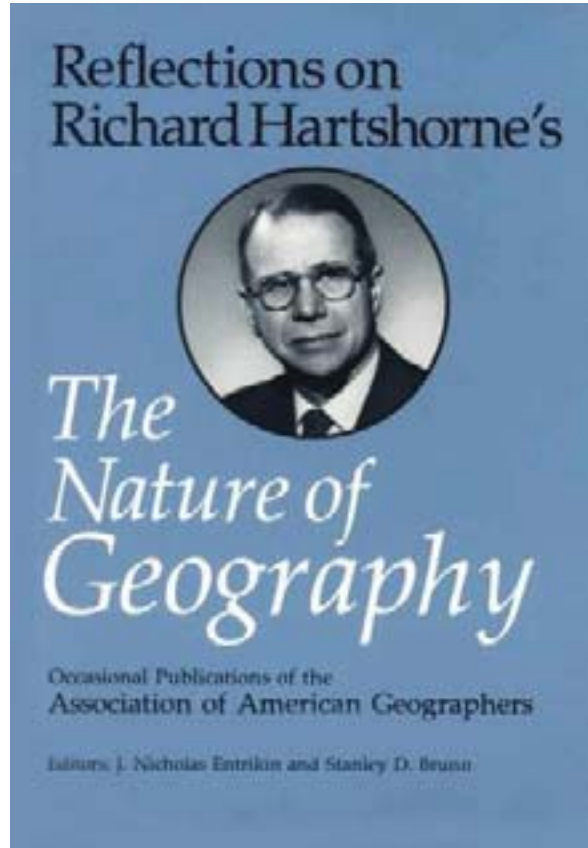


O geógrafo, na obra de Saint Exupéry: O pequeno príncipe.

### INÍCIO DA CRISE DA GEOGRAFIA CULTURAL NOS ESTADOS UNIDOS

Caro aluno, conforme visto no final da aula anterior, a geografia cultural entra em crise no final da década de 1970, devido às severas críticas recebidas provenientes de diversas fontes. Os problemas colocados pela transmissão da cultura, assim como a análise das diferentes formas que esta se apresenta numa mesma sociedade foram negligenciados pelos primeiros geógrafos culturais. Veremos agora quais foram seus principais críticos, assim como seus principais questionamentos.

Segundo Correa (2001), as primeiras críticas aos estudos culturais da Escola de Berkeley surgiram com **Richard Hartshorne** (1899-1992), que afirmava que os geógrafos culturais privilegiavam apenas a cultura, que seria apenas um dos múltiplos elementos que interagem no espaço.



(Fonte: [http://openlibrary.org/books/OL2229965M/Reflections\\_on\\_Richard\\_Hartshorne's\\_The\\_nature\\_of\\_geography](http://openlibrary.org/books/OL2229965M/Reflections_on_Richard_Hartshorne's_The_nature_of_geography))

Muitos geógrafos da geografia teórica-quantitativa criticavam o fato dos geógrafos culturais se dedicarem ao estudo do passado. Neste sentido traziam pouca contribuição aos estudos sobre os problemas do desenvolvimento.

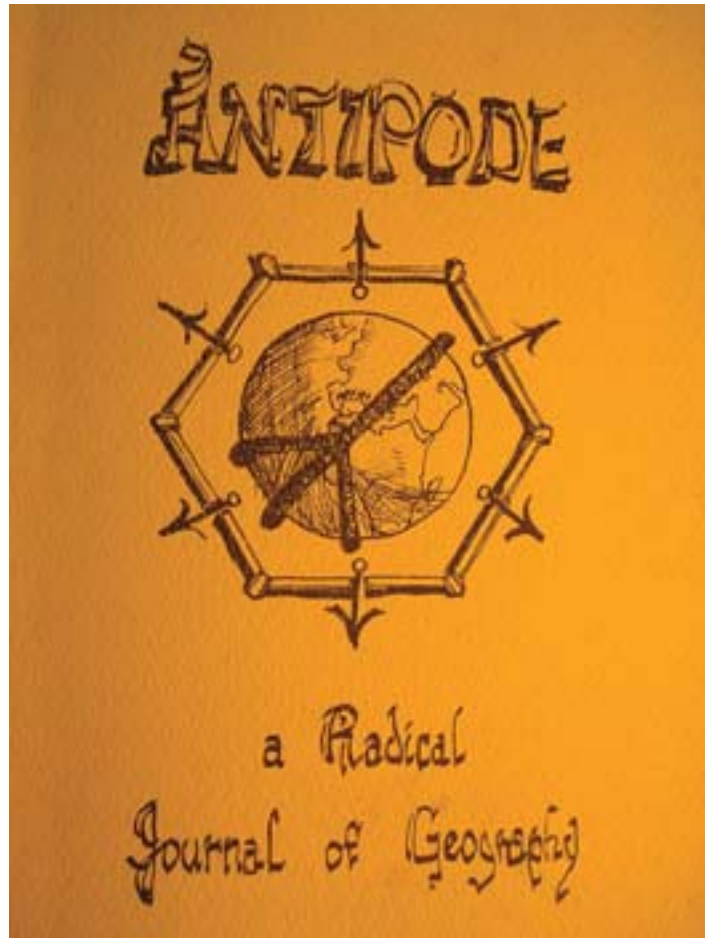
**A geografia crítica** se posicionou inicialmente com os argumentos de James Morris Blaut (1927-2000), que foi professor de geografia na Universidade de Illinois, em Chicago. Este geógrafo publica um artigo na revista anglofona *Antípode*, em 1980, intitulado Uma crítica radical da Geografia Cultural. Neste trabalho ele argumentava que os trabalhos de geografia cultural americanos estavam assentados em critérios de classe e etnia, o que influenciava os valores e crenças dos pesquisadores. Para Blaut, o papel do Estado e das classes poderosas não é abordado na geografia cultural, quando esta admite a existência de culturas como entidades da sociedade.

**R. Hartshorne e A. Hettner**

Foram os principais nomes de uma grande corrente do pensamento geográfico, que alguns denominam de Geografia Racionalista. Hartshorne publicou um livro intitulado A natureza da Geografia, em 1939, que foi amplamente discutido nas academias do mundo todo. Fruto das discussões geradas, em 1959 ele publica outro livro, intitulado Questões sobre a natureza da Geografia.

**A Geografia Crítica**

É outra vertente do movimento de renovação da ciência geográfica. Sua postura crítica e radical face à Geografia tradicional leva a uma ruptura com o pensamento geográfico anterior



(<http://www.antipode-online.net/editor-reflections.asp>)

Marvin Mikesell (1959-) foi um geógrafo que fazia parte da Escola de Berkeley e também contribuiu com suas críticas em relação aos estudos e abordagens anteriores desta escola. Para ele, os geógrafos culturais foram muito seletivos na escolha dos temas a serem estudados. Temas como religião foram mais trabalhados que outros como a história da cultura, por exemplo.

Outro geógrafo americano que criticou os primeiros trabalhos de geografia cultural americana foi James Duncan, que se tornou um dos grandes nomes da “nova geografia cultural americana”. Em 1980 escreve em seu artigo O supra-orgânico na geografia cultural americana que

os geógrafos não têm só freqüentemente ignorado a variedade de definições alternativas de cultura que podem ser obtidas da antropologia, mas, ao aceitarem o conceito supra-orgânico de cultura, escolheram inadvertidamente uma teoria que vem sendo amplamente contestada e, há muito tempo, rejeitada pela grande maioria dos antropólogos (DUNCAN, 1980).

Neste caso, a cultura era vista como sendo uma “entidade acima do homem”, constituindo-se assim um nível independente da realidade. O supra-orgânico dá uma visão do homem como sendo passivo e impotente.

Na realidade, Sauer e seus discípulos da Escola de Berkeley, recusaram o determinismo ambiental, mas acabaram se engajando no determinismo cultural, que foi considerado como outra versão do darwinismo social.

Denis Cosgrove (1948-2008) foi também um dos grandes nomes da “nova geografia cultural americana”. Seus escritos também criticaram as abordagens culturais de Vidal e de Sauer, porém, sempre reconhecendo a estes o mérito de terem sido os precursores dos estudos culturais na ciência geográfica. Suas críticas principais referiam-se as teorias e conceitos utilizados por Sauer.



Denis Cosgrove (1948-2008)  
(<http://www.geog.ucla.edu/faculty/cosgrove/cosgrove.html>)

Entre os artigos mais importantes de Cosgrove, podemos citar “Em direção a uma geografia radical: problemas da teoria”, publicado originalmente na revista *Antipode* em 1983, onde ele tece críticas às abordagens tradicionais da geografia cultural e, “Novos rumos da geografia cultural”, publicado em parceria com Peter Jackson em 1987, onde os autores mostram a evolução das abordagens culturais em geografia.

Segundo Paul Claval (2007) para os geógrafos da New Cultural Geography, as técnicas de produção ou as instituições societárias próprias a um grupo não detêm mais os novos pesquisadores anglo-saxões. O que estes procuram compreender é a interpretação simbólica que os grupos e as classes sociais dão ao ambiente, as justificativas estéticas ou ideológicas que propõem e o impacto das representações sobre a vida coletiva.

O surgimento da revista anglófona Oecumene a partir de 1994 simboliza a nova abordagem da cultura na geografia anglo-saxã. A ruptura com as origens da disciplina, assim como o forte interesse pela pós - modernidade, são características da chamada New Cultural Geography.

### A CRISE CHEGA À FRANÇA

Os estudos dos geógrafos franceses do final da década de 1950 mostram que o sentido de gênero de vida modificou-se, pois ele não traduz somente o esforço de adaptação do homem ao meio, mas também se baseia nas formas específicas de relações entre os próprios indivíduos e entre as células elementares de uma sociedade. A cultura deixa de ser analisada simplesmente em termos de relações entre o homem e o meio e passa a ser considerada nos estudos como sendo uma variável autônoma.

Muitas foram as pesquisas realizadas por geógrafos franceses nos anos 60 e 70 em países africanos e nas ilhas do Pacífico. Porém, a maioria delas ainda inscreve-se na tradição saueriana. Neste período os aspectos culturais foram majoritariamente estudados por historiadores, etnólogos e antropólogos franceses.

Os geógrafos franceses da primeira metade do século passado interessavam-se principalmente em estudar sociedades tradicionais. Porém, os avanços tecnológicos, a ampliação da comunicação e da mobilidade dos homens, e a industrialização das fabricações de utensílios vão fazer que essas sociedades tradicionais percam aos poucos os traços que as caracterizam.

No campo, a modernização trouxe a mecanização em substituição aos arados e outras técnicas tradicionais. Claval (2007, p. 48) nos mostra que:

O interesse dos geógrafos pelos fatos de cultura era centrado no conjunto de utensílios e equipamentos elaborados pelos homens para explorar o ambiente e organizar seu habitat. A mecanização e a modernização introduzem um arsenal de máquinas e de tipos de construções tão padronizados que o objeto de estudo é esvaziado de interesse. A geografia cultural entra em declínio, porque desaparece a pertinência dos fatos de cultura para explicar a diversidade das distribuições humanas.

Os avanços advindos da modernidade deslocaram uma grande parcela da população economicamente ativa para os setores secundários e terciários. O conceito de gênero de vida, que poderia ser utilizado nas sociedades tradicionais, não mais se adequava aos estudos das sociedades modernas. Geógrafos como Max Sorre (1880-1962), tentaram enriquecer o conceito de gênero de vida para adaptá-lo às sociedades modernas. Em 1948, ele publica um artigo intitulado “A noção de gênero de vida e seu valor atual”, mostrando que o conceito poderia evoluir.

Em decorrência desses fatos (principalmente da modernidade), alguns acreditavam que a geografia cultural iria acabar, por não mais poder explicar as relações entre as sociedades e o meio em que vivem, através das técnicas por elas utilizadas. É fato que vivemos cada vez mais num mundo “uniformizado” e “globalizado”, porém isto não justifica o fim das abordagens culturais em geografia.

Neste novo contexto, onde as técnicas foram se uniformizando pelo planeta, os geógrafos se debruçaram sobre as representações, que foram ignoradas pelos primeiros geógrafos culturais. A geografia cultural francesa aproveita deste momento de crise para renovar alguns conceitos e teorias utilizadas por Paul Vidal de la Blache.

Outro grande pensador que contribuiu para a renovação da geografia cultural na França foi Eric Dardel (1899-1967). Este professor de história e geografia publica em 1952 um livro intitulado “O homem e a Terra, natureza da realidade geográfica”, que fica por certo tempo desconhecido da comunidade geográfica francesa. Esta obra torna-se primeiramente conhecida na América do Norte e, influencia bastante a geografia cultural americana na década de 1970, assim como o aparecimento da geografia humanista.



Capa do livro de Eric Dardel.

(Fonte: <http://www.paperbackswap.com/Eric-Dardel/author>)



### A Geografia Humanista

Procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar. (TUAN, 1982)

As preocupações principais de Dardel estavam focadas nas relações entre o homem e a Terra, ou seja, nas relações que cada homem tece com seus espaços geográficos, nas maneiras de habitar dos homens. Influenciado pelas leituras de Heidegger, ele propõe uma leitura subjetiva das relações do homem com a terra e afirma em seu livro que “a ciência geográfica pressupõe que o mundo seja compreendido geograficamente, que o homem se sinta ligado à Terra como um ser chamado a se realizar na sua condição terrestre” (DARDEL, 1952, p.44).

Dardel foi um dos precursores da chamada “Geografia Fenomenológica” e da **“Geografia Humanista”** e exerceu forte influência nos estudos do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (1930-). Este geógrafo de origem chinesa insiste em seus estudos sobre o sentido dos lugares, sobre a importância do “vivido” e sobre as representações religiosas. Tuan orienta estudantes na América do Norte que vão seguir e difundir seus pensamentos pelo mundo.

Ainda na França, Armand Frémont (1933-) contribui para os estudos de geografia cultural com seus estudos sobre a percepção do espaço e sobre o sentido dos lugares. Deste ponto de vista, os lugares são considerados como carregados de sentido para aqueles que o habitam. Em 1976 este geógrafo publica seu livro intitulado A região, espaço vivido, e torna-se o precursor dos estudos sobre os “espaços vividos”. A Geografia Humanista e a Geografia Social recebem deste geógrafo importantes contribuições com suas pesquisas na França.

O interesse pelo estudo das representações sobre o espaço ganha força a partir dos anos 1980 na França. Entre os geógrafos que mais se destacaram neste campo, podemos destacar Joël Bonnemaïson (1940-1997) e Augustin Berque (1942-).

Bonnemaïson tornou-se especialista nos estudos sobre a Oceania, dedicando-se aos estudos das populações insulares. Berque, em seus primeiros estudos mostrou como os japoneses viviam seu espaço de vida, assim como eles concebiam a natureza. Seus trabalhos posteriores concentram estudos sobre a paisagem.

Jean-Robert Pitte (1942-) foi outro geógrafo que trabalhou com o estudo das paisagens culturais e sobre as paixões e os gostos. Em seu livro publicado em 1991, Gastronomia Francesa: historia e geografia de uma paixão, ele nos mostra como podemos fazer um estudo da influência da alimentação na relação entre o homem e o meio onde vive.

Vários outros geógrafos contribuíram para os avanços das abordagens culturais na geografia francesa. Merece maior destaque o professor Paul Claval (1931-), considerado um dos maiores geógrafos da atualidade. Claval é professor na Universidade de Paris –Sorbonne e nas últimas décadas vem se dedicando ao estudo da geografia cultural. Desde 1992 ele dirige a edição de uma revista dedicada à geografia cultural, a revista Géographie et Cultures. Orientou diversos professores universitários brasileiros, que hoje difundem no Brasil suas idéias e teorias sobre a geografia cultural.



## CONCLUSÃO

A geografia cultural mudou alguns de seus paradigmas depois das críticas feitas principalmente aos estudos da escola de Berkeley. A evolução foi necessária e fez com que novas abordagens nos estudos de geografia cultural aparecessem.

Veremos no final desta disciplina que estudos sobre a religião, alimentação, cinema, literatura, entre outros, puderam aparecer na geografia graças a essa mudança de paradigma.

## RESUMO

Geógrafos de outras vertentes da geografia e mesmo até da própria escola de Berkeley fizeram severas críticas aos primeiros estudos da geografia cultural.

A geografia cultural enriqueceu com as novas abordagens, principalmente depois do surgimento da geografia humanista. Aspectos antes negligenciados nas primeiras abordagens foram aparecendo aos poucos na geografia americana e francesa.

## ATIVIDADES

Elabore um texto explicando como se deu o aparecimento da chamada nova geografia cultural.

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O(a) aluno(a) deverá abordar no seu texto a contextualização da evolução dos paradigmas da geografia a partir de 1970. O surgimento da geografia humanista deverá constar no texto, mostrando seus principais aportes à geografia cultural.





### AUTO-AVALIAÇÃO

Será que sei explicar como se deu o surgimento da nova geografia cultural na nossa ciência?



### PRÓXIMA AULA

Na próxima aula veremos a fundamentação filosófica da Geografia Cultural renovada.

### REFERÊNCIAS

- CLAVAL, Paul. **Geografia cultural**. Florianópolis: EDUFSC, 2007.
- CORREA, R. L. ; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. P.103-134.
- COSGROVE, D.; JACKSON, P. Novos rumos da geografia cultural. In: CORREA, R. L. ; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. P.135-146.
- COSGROVE, D. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: CORREA, DARDEL, Eric **L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- DUNCAN, James, S. O supra-orgânico na geografia cultural americana. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. P.63-102.
- SORRE, Max. La notion de genre de vie et sa valeur actuelle. **Annales de la Géographie**. Paris, Armand-Colin, 1948. vol. 57, p.97-108.
- PITTE, Jean-Robert. **Gastronomie française: Histoire et Géographie d'une passion**. Paris: Fayard, 1991.
- TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. P. 143-164.